

# “Sou apenas um contador de histórias”

## (Uma entrevista com Luiz Vilela)

Ana Flávia Lage Sartori  
Universidade Federal de Minas Gerais

— **A** dor humana foi o tema de uma palestra que você deu, há pouco tempo, na UFMG. O que você chama de dor?

— Eu chamo de dor tudo o que dói. Agora, como todos sabem, inúmeras são as formas da dor e suas causas. O que fiz, em minha palestra (passe a palavra...), foi ler para o público, com breves comentários à margem, algumas passagens de minha obra, tanto dos romances quanto das novelas e dos contos, em que a dor aparece. Não teorizei sobre a dor, pois não sou nenhum teórico, nem apresentei terapias, pois não sou também médico, nem curandeiro, nem autor de livros de auto-ajuda. Sou apenas um contador de histórias.

— *O trágico e o cômico coexistem em várias de suas narrativas, como, para dar só um exemplo, “Velório”, de Tremor de terra, um de seus contos mais famosos e comentados. Como você vê isso?*

— O trágico e o cômico andam quase sempre de mãos dadas. Às vezes são apenas as duas faces de uma mesma moeda, para cunhar uma frase original... No meu novo romance, *Perdição*, a sair em breve, um personagem diz: “Tudo é trágico. Nascer não é trágico? Viver não é trágico? Morrer não é trágico? Então tudo é trágico.” O outro responde: “Pois eu às vezes acho que tudo é cômico; irresistivelmente cômico...” O leitor que tire suas conclusões...

*– O erótico é uma presença forte em sua obra, como mostram, entre outros livros, o romance Graça e a novela Te amo sobre todas as coisas. O que você tem a dizer sobre isso?*

*– Tenho a dizer que é assim mesmo, que o erótico, e mais do que o erótico, o sexo é uma presença forte em minha obra. E como poderia não ser, se o sexo é tão importante e se minha obra fala do homem e tudo o que lhe diz respeito?*

*– Outra presença forte é a do humor. Como se dá, em sua obra, a instauração das várias facetas do humor?*

*– Minhas histórias vão surgindo naturalmente, sem que eu saiba muito bem como e por quê, assim como tudo o que as constitui e lhes dá forma e vida. Tem autor que explica tudo o que fez, até por quê, em determinado momento, um personagem deu uma cuspidinha. Eu não sou assim. Eu não explico nada, nem tenho nenhum interesse em explicar. Tudo é como é, e basta. Aliás, lembro-me que eu mesmo tenho alguns personagens que, em determinado momento, deram uma cuspidinha, mas, sinceramente, eu não tenho a menor idéia por que fizeram isso ou se havia, por trás da cuspidinha deles, algo transcendental...*

*– O deslocamento de seus personagens, que estão sempre indo da cidade pequena para a cidade grande ou da cidade grande para a pequena, já foi apontado pela crítica como uma de suas características. Por que esse nomadismo?*

*– Eu teria de perguntar aos personagens para saber. Mas já que, como muito bem observou uma pessoa que escreveu sobre a minha obra, as motivações de meus personagens “nunca são reveladas”, eu dificilmente saberia...*

*– A chuva aparece em alguns de seus contos, chegando mesmo a dar título a dois deles, “Chuva”, do Tremor de terra e “A chuva nos telhados antigos”, de O fim de tudo. Ela aparece também, de modo expressivo, nos romances Os novos e O inferno é aqui mesmo e, ainda, na novela O choro no travesseiro. Por fim, uma estudiosa de sua obra comentou que a chuva poderia ser um bom tema de estudo. Por que tanta chuva?...*

– Porque eu gosto de chuva. Sempre gostei de chuva, desde menino. E então é natural que ela apareça tanto em minha obra. Mas quem sabe se algum estudioso não descobriria nela coisas que eu nem de longe suspeito? Há pouco tempo, por exemplo, caiu-me às mãos a análise, feita por um professor universitário, de um pequeno conto meu sobre um casal de namorados, uma análise, acrescente-se, de caráter altamente elogioso. O professor começa dizendo que coloco em cena “a busca dos fundamentos basilares do ser”, e por aí vai, citando, pelo caminho, Heidegger, Gusdorf, Terry Eagleton, Merleau-Ponty, Foucault e Barthes. Quando acabei de ler, eu pensei: “Puxa! E eu que não sabia que meu conto tinha tudo isso?...”

*– Por sua extrema habilidade no uso da técnica do diálogo, você já foi chamado de “o maior fabricante de diálogos da literatura brasileira”. Qual o segredo de escrever um bom diálogo?*

– Quando eu era menino, ali pelos dez anos, eu gostava de imitar pessoas conhecidas nossas e figuras públicas da cidade, principalmente o seu jeito de falar. “Agora imita fulano”, pediam, e eu imitava. “Agora o beltrano”, e eu imitava. “Agora o sicrano.” “Não”, eu dizia, “agora chega”, e ia fazer outra coisa. Acho que esse talento, chamemo-lo assim, passou para os meus diálogos. O mais é muito trabalho, um trabalho que só não chamarei de árduo porque, ao contrário, é dos que me dão mais prazer na criação de minhas histórias.

*– E o silêncio, de que você já falou em algumas entrevistas e que você também usa...*

– Na época em que Tostão estava no auge da fama, alguém observou que ele “jogava sem bola”, aludindo aos deslocamentos que fazia no campo adversário, atraindo para si os jogadores e abrindo brechas na defesa para que o companheiro passasse com a bola. Mal comparando, é um pouco isso o que eu às vezes faço. Se assim posso dizer, eu escrevo sem palavras.

*– Numa recente enquête nacional, promovida por dois jornais da grande imprensa, entre críticos literários, jornalistas culturais e professores universitários, para saber quais foram os 15 melhores livros da literatura brasileira publicados nos últimos 15 anos, seu livro, de contos, A cabeça foi um dos escolhidos. Como você recebeu essa notícia?*

– Recebi com satisfação, mas também com alguma indiferença. É que eu não levo muito a sério essas listas de melhores que a imprensa periodicamente inventa, e sou insuspeito para falar, pois já estive em várias delas, relativas à literatura. A primeira em que apareci já faz mais de trinta anos e tinha o título de “Qual o escritor brasileiro que não faz o sucesso que merece?”...

– *Do Tremor de terra, seu primeiro livro, publicado em 1967, ao mais recente, A cabeça, publicado em 2002, são quase quarenta anos. O que mudou e o que não mudou de lá para cá?*

– Mudou muita coisa e, ao mesmo tempo, não mudou quase nada. Agora, espero que o que mudou tenha sido para melhor...

Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba, Minas Gerais, em 31 de dezembro de 1942. Formou-se em Filosofia, em Belo Horizonte. Foi jornalista em São Paulo. Morou algum tempo nos Estados Unidos e outro tempo na Espanha. Começou a escrever aos 13 anos. Aos 24, estreou na literatura brasileira, com o livro, de contos, *Tremor de terra*, e com ele ganhou o Prêmio Nacional de Ficção. Vilela ganhou também o Prêmio Jabuti, de melhor livro de contos do ano, com *O fim de tudo*. É autor de doze livros, todos de ficção. Já foi adaptado para o teatro, o cinema e a televisão, e traduzido para várias línguas. Atualmente Luiz Vilela mora em sua cidade natal, de onde mandou, por e-mail, as respostas às perguntas desta entrevista.